



*da*  
*cabaça,*  
*o Brasil:*

natureza, cultura,  
diversidade



Nem na inversa sem capa!

nem na vedã sem cabasa.

O que é que a karamon faz e Deus não fez?

Nem mel, nem cabasa.



da  
cabaça,

o Brasil:

natureza, cultura,  
diversidade

**MINISTÉRIO DA CULTURA**

Gilberto Gil Moreira

**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**

Presidente: Luiz Fernando de Almeida

**DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**

Diretora: Márcia Sant'Anna

**CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR**

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

Divisão Técnica: Lúcia Yunes

Setor de Pesquisa: Ricardo Gomes Lima

Chefe do Museu de Folclore Edson Carneiro: Vânia Dolores Estevam de Oliveira

**INSTITUTO CULTURAL FLÁVIO GUTIERREZ**

Presidente: Angela Gutierrez

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Barbosa Passos

**MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS**

Coordenação de Comunicação: Fátima Andrade Dias

Coordenação de Eventos: Patrícia Lamounier

Coordenação de Museologia: Célia Corsino

Maíra Freire - assistente

Coordenação de Programa Educativo: Helena Maria Mourão Loureiro

Sônia Amorim de Godoy - assistente

Coordenação de Serviços Gerais: Lázaro Silva Oliveira

Coordenação de Setor Financeiro: Ana Beatriz Batista Silva

Cátia Lopes - assistente

Pamela Perdigão - assistente

Banco de Imagens: Aristóteles Gomes Júnior

Exposição

**“da cabaça, o Brasil: natureza, cultura e diversidade”**

Argumento: Ricardo Gomes Lima

Pesquisa, Desenvolvimento e Textos: Luciana Carvalho, Vera Calheiros e Vânia de Oliveira

Museografia: Luiz Carlos Ferreira

Produção e Montagem em BH: Alaor Amaral, Amarildo de Oliveira, Célia Corsino, Gabriela Araujo Batista,  
Jair S. Gama, Lázaro S. Oliveira, Maira Freire, Sabrina de Freitas.

Sonorização: Alexandre Coelho

Programação Visual: Marcelo Lima, Rita Horta, Vitorio Benedetti, Campbell Comunicação – BH

Assessoria de Imprensa BH: Conceito Comunicação Estratégica

Fotografias: Albani Ramos, Francisco M. da Costa, José Caldas, L. C. Marigo – Tyba, Kita Pedroza,  
Márcio Vasconcelos, Ricardo Lima – CNFCP, Rogério Reis – Tyba, Zig Koch – Reflexo, Tiago de Oliveira Pinto

Edição e Revisão de Textos: Lucila Silva Telles

Catálogo

Textos: Luciana Carvalho, Maira Freire, Vera Calheiros e Conceito Comunicação Estratégica

Projeto Gráfico: Sylvia Vartuli e Hércio Queiroz

Fotografias: Alaor Amaral, Fatima Andrade Dias, Francisco Moreira da Costa, Hércio Queiroz e Sylvia Vartuli



*Sabado, 25 de abril*

*Então se começaram de chegar muitos (índios).*

*Entravam pela beira do mar para os batedis  
até que mais não podiam; traziam  
cabaços de água, e tomavam alguns barris  
que nós levávamos; enchiam-nos de água e  
traziam-nos aos batedis. Não que eles de todo  
chegassem à borda do batet. Mas junto a ele  
lançavam os barris que nós tomávamos;  
e pediam que lhe dessem alguma coisa. (...)*

*(...) Atenciamos-lhes que se fossem, assim  
o fizeram e passaram-se além do rio.  
Saíram quatro homens nossos dos batedis e  
encheram não sei quantos barris de água que  
nós levávamos e tomamo-nos às naus.*

Carta de Pero Vaz de Caminha (folha 4)

Cortesão, Jaime. A Carta de Pero Vaz de Caminha.  
Lisboa: Livraria Editora Livros de Portugal Ltda., 1943: 209-211.

*"A cabaca é a imagem  
do corpo inteiro do homem  
e do mundo em seu conjunto."*

(DIED) Dicionário dos Símbolos



A riqueza da flora brasileira e a criatividade popular encontram na cabaça uma de suas expressões mais fascinantes. Como objeto do cotidiano ou suporte de várias artes, este fruto de formas tão originais pode nos surpreender e emocionar com seus múltiplos usos e sentidos, seja no artesanato, na música, na cozinha ou nos brinquedos.

É o que nos revela a exposição **da cabaça, o Brasil: natureza, cultura e diversidade**, que exhibe o acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, do Rio de Janeiro. Como parte da programação, entre os dias 14 e 20 de maio, quando se comemora a Semana Nacional de Museus, artesãs de Santarém mostram em oficinas um pouco de seu ofício e de sua arte, transformando a cabaça em cuias, objetos tradicionais da cultura popular do Pará.

A exposição, comemorativa do Dia do Trabalho, é uma parceria entre o Museu de Artes e Ofícios e o Centro de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

**Angela Gutierrez**  
Presidente do ICFG

*Semeei taboas  
Nasceram-me cordas  
Recolhi tonéis  
Adivinhei, bacharéis!?*

A cabaça, resposta à quadrinha da adivinhação acima, foi também o tema da exposição preparada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular para acompanhar o Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, realizado em Brasília, em fevereiro de 2005. Tendo como fio condutor um elemento natural que é encontrado com fartura nas cinco regiões do país, classificado e usado de diferentes formas nos mais variados contextos, a mostra **da cabaça, o Brasil: natureza, cultura, diversidade** foi concebida como um convite à apreciação da pluralidade cultural apresentada pelos inúmeros grupos sociais que vivem em solo brasileiro e, ao mesmo tempo, um estímulo à reflexão sobre aquilo que une e identifica esses grupos.

Conhecidos desde tempos ancestrais pelos nomes de cabaça, cuia, porongo, coité ou cuité, os frutos de espécies vegetais distintas, mas assemelhadas nos sistemas de pensamento e classificação populares, têm recebido múltiplos usos e sentidos ao longo dos séculos e em diferentes regiões geográficas, perdendo-se na história referências à época e ao local de domesticação dos cabaceiros (*Crescentia lagenaria*), porongos (*Lagenaria vulgaris*) e das cuieiras (*Crescentia cujete*) no país. No cenário cotidiano, como instrumento de trabalho e recipiente para líquidos e alimentos, na música, nos rituais, nas festas e brincadeiras, no artesanato tradicional e nas recreações de artesãos urbanos, entrecasca desses frutos multiformes constituem tanto objetos de uso corriqueiro quanto suportes de expressões que distinguem e identificam indivíduos e grupos da sociedade brasileira, num universo misto de referências culturais. Além disso, dão nomes a cidades, rios, praias, serras e lagoas de Norte a Sul, e estão amplamente presentes na tradição oral no Brasil.

Se a natureza, conforme sugeriu o antropólogo Claude Lévi-Strauss, constitui uma fonte inegável de recursos materiais, assim como um objeto

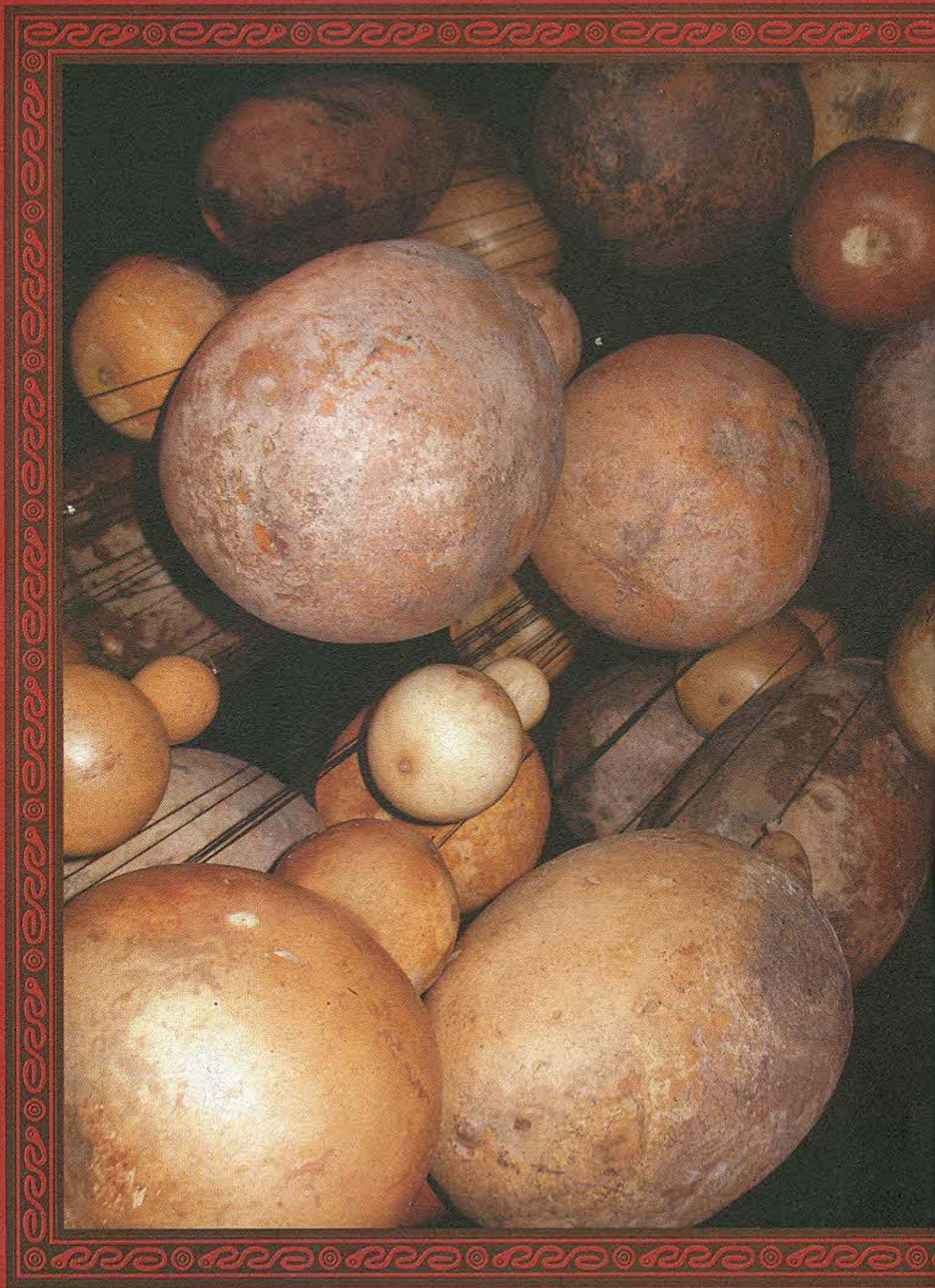


de pensamento que se presta às mais ricas possibilidades de sistematização, então a cabaça, em suas várias formas de ocorrência no território brasileiro, é, sem dúvida, um fruto bom para usar, mas também para pensar. Bom para pensar o Brasil, as relações dos homens com os meios em que vivem, com os mundos que vêem e representam, e os encontros e desencontros desses homens uns com os outros. Portanto, considerando os meios naturais que sobredeterminam algumas possibilidades do conhecimento e do pensamento humano, esta exposição deseja mostrar que, justamente porque são, vivem e pensam de formas diferentes, os muitos grupos populares no Brasil dão usos e significados distintos a um amplo repertório de frutos que lhes parecem, em alguns aspectos, semelhantes. E que, fazendo isso, criam os muitos modos de ser, estar e trocar neste país.

Assim, a partir de um pequeno conjunto de objetos, textos e imagens relacionados à presença das cabaças no cotidiano dos brasileiros – que, sem dúvida, remete a um universo muito mais amplo de práticas e tradições culturais –, a exposição pretendeu provocar o olhar sobre a identidade e a diversidade cultural brasileira. Organizada em módulos que contemplaram o uso daqueles frutos na casa e no trabalho de populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas, em diferentes brincadeiras, festejos e expressões musicais, nas cosmologias e nos rituais religiosos de raízes indígenas e africanas, bem como no artesanato tradicional e urbano, a mostra incluiu ainda um mapa de topônimos referidos a cuias, cabaças e cuités encontrados nas cinco regiões do país, além de documentos como a Carta de Pero Vaz de Caminha e trechos de vídeos recentes, visando a ilustrar a abrangência geográfica e a permanência histórica desses elementos na vida dos brasileiros.

**Claudia Marcia Ferreira**

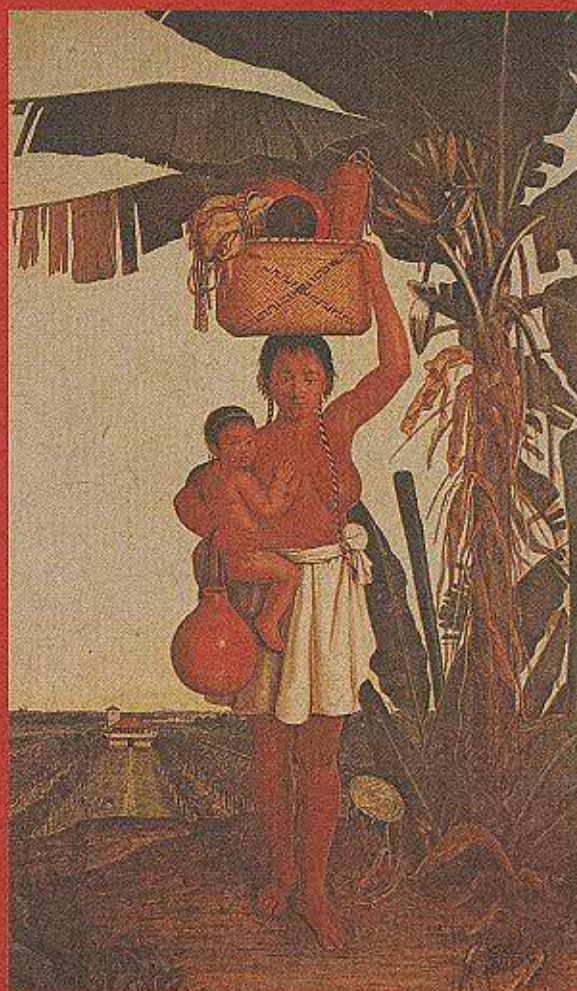
Diretora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / Iphan

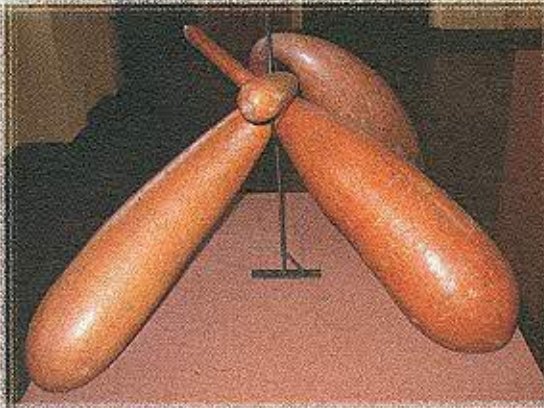
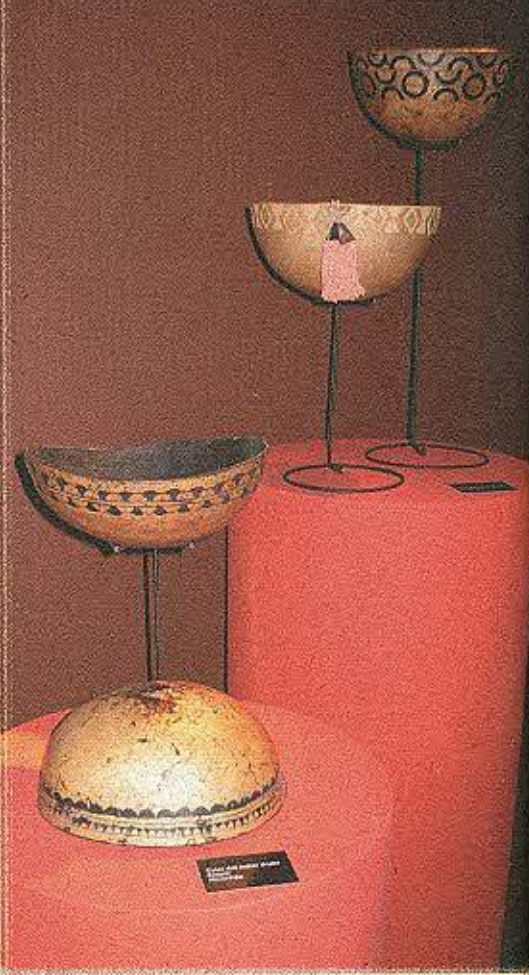


## A exposição

Conhecidos desde tempos ancestrais pelos nomes de cabaça, cuiá, porongo ou cuité, os frutos de espécies vegetais distintas, mas assemelhadas nos sistemas de pensamento e classificação populares, têm recebido múltiplos usos e sentidos ao longo dos séculos e em diferentes regiões geográficas, perdendo-se na história referências à época e ao local de domesticação dos cabaceiros (*Crescentia lagenaria*), porongos (*Lagenaria vulgaris*) e das cuieiras (*Crescentia cujete*) neste país.

Úteis em casa e no trabalho, mágicos nos rituais, próprios para fazer música e arte, prontos para brincar, esses frutos são também bons para pensar. Bons para pensar o Brasil, as relações dos homens com os meios em que vivem, com os mundos que vêem e representam, e os encontros e desencontros desses homens. É o que se pretende mostrar, aqui, a partir de um pequeno conjunto de objetos, textos e imagens relacionados à presença das cabaças no cotidiano de donas-de-casa, trabalhadores, músicos, artesãos, religiosos e brincantes – que, remetendo a um universo muito mais amplo de práticas e tradições culturais, convida à apreciação da pluralidade cultural e à reflexão sobre aquilo que une e identifica os inúmeros grupos sociais que vivem em solo brasileiro.





## *Bons para comer, beber e trabalhar*

Nas casas ribeirinhas do Norte, os frutos verdejantes das cuieiras são partidos, esvaziados do *miolo* ou *bucho*, polidos e, então, tornados *cuias pitingas* – ou, quem sabe, até tingidos e decorados com incisões de exímia precisão –, servem como baldes, coiós, bacias, copos, tigelas e, como sugere o nome da árvore, cuias de tomar água, tacacá, chibé, mingau, açai, bacabada. Para os mesmos usos, vários grupos indígenas, assim como moradores de comunidades quilombolas, também preparam suas cuias, lisas ou preteçadas ao fogo. Seringueiros, pescadores e produtores de garapa e de farinha de mandioca, nas florestas, nos rios, nos alambiques e nas casas de farinha, partem suas *bandas de cuia* para levá-las ao trabalho, na extração do látex, na canoa ou no calor do tacho e do forno.

No Nordeste, das mesmas cabaças que armazenam e transportam água pelo sertão, cortam-se cuias que são usadas nas feiras como unidade de medida para pesar, comprar e vender itens como farinha e tapioca, além de líquidos. Nelas também se guardam as sementes do replantio, a nata para fazer manteiga, mel e até peças de roupa.

No Sul e no Centro-Oeste do Brasil, é o fruto do porongo objeto de cuidados especiais e a grande atração nas rodas de chimarrão e de tereré. Na forma do número oito, cortados na parte de cima, furados e polidos com cera, prontos para receber a erva-mate com água morna ou fria, deles se fazem cuias que passam de mão em mão, sempre à direita, como manda o antigo ritual de sociabilidade dos mateadores.

Além dos usos das cuias e cabaças como recipientes, registram-se vários outros, de caráter medicinal. Desses frutos tudo se aproveita: da casca, preparam-se extratos contra males do fígado; do miolo, que também serve como ração para o gado, fazem-se xaropes, usados como purgativo, expectorante e antitérmico, ou cataplasmas indicadas contra dores de cabeça.

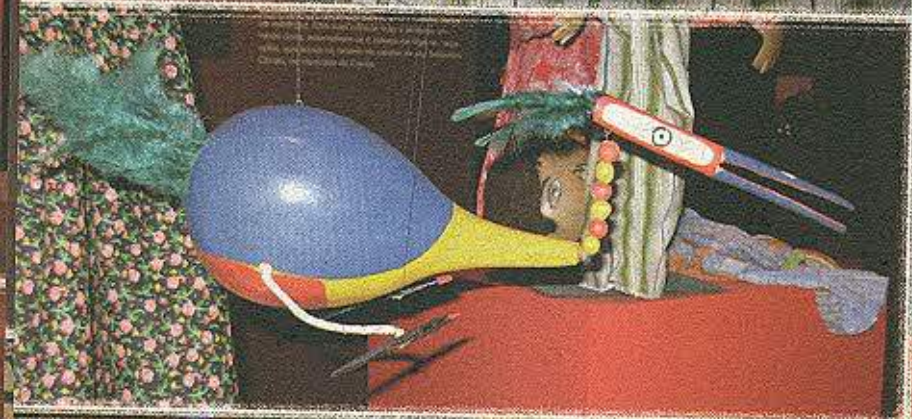
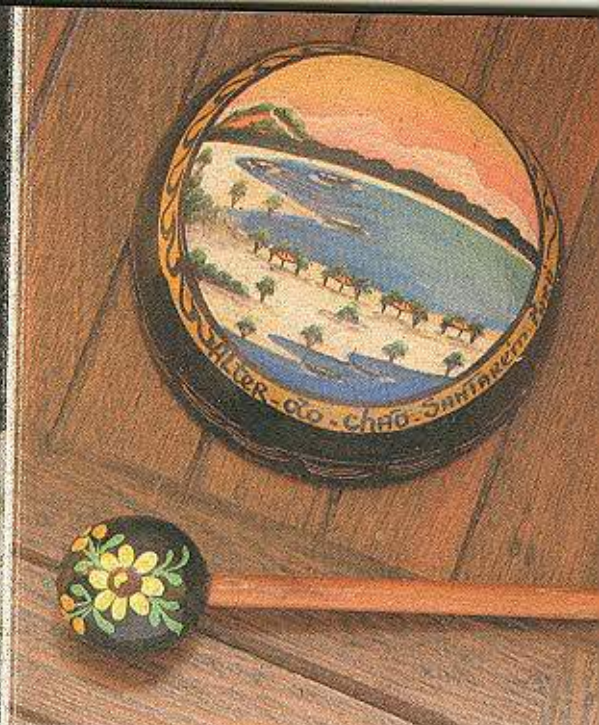




*Vinho velho em garrafa nova,  
vinho novo em garrafa velha*

Substituíssimos garrafa por cabaça, teríamos uma perfeita metáfora para a profusão de objetos criados no Brasil a partir desses frutos, tanto em comunidades artesanais tradicionais – como as produtoras de cuias nas várzeas do Baixo Amazonas – quanto por artesãos e artistas plásticos com alguma formação erudita, nas metrópoles do Sudeste, por vezes aproveitando temas da tradição popular. Assinalando a circularidade de elementos culturais que, sendo originariamente encontrados quase sempre nas camadas populares, acabam ganhando espaço junto a outros segmentos sociais, a expressão é sugestiva da mobilidade de velhas tradições em novos espaços, bem como das novas criações em antigos suportes. Refletindo olhares urbanos contemporâneos e saberes seculares de populações nativas do Norte e do Nordeste, diferentes expressões do artesanato brasileiro têm como suporte cuias e cabaças decoradas, pintadas, cortadas, moldadas e trabalhadas de diversas formas – bonecas, balões, presépios, adornos corporais e objetos utilitários ou decorativos para uso doméstico.





## *Frutos bons para brincar*

As cuias e cabaças também se fazem brinquedos – do repertório de bonecos do artesão Laurentino, no Paraná, aos mamulengos de Pernambuco e do Ceará – e são celebradas em diferentes localidades. No Pará, por exemplo, os versos da *dança da cuia* refletem as inúmeras utilidades desse objeto, especialmente aquelas associadas às festas em que se consome a cachaça produzida nos alambiques tradicionais de Abaetetuba. Nos festejos do Çairé que ocorrem anualmente na vila borari de Alter-do-Chão, em Santarém, cacos de cuias pretas compõem adornos nas roupas de brincantes dos botos Cor-de-rosa e Tucuxi, e, na *varrição* (término dos festejos), cada qual dança levando na mão sua cuia, para receber o tarubá que é preparado em inúmeras comunidades ao longo do rio Tapajós. No vizinho Maranhão, as cabaças estão presentes nos maracás dos amos e nas máscaras de personagens do bumba-meu-boi, a mais importante celebração popular do estado. Dos frutos maiores e mais arredondados, fazem-se bonecas, como a caipora e personagens de tramas cômicas conhecidas como *autos* ou *matanças*. Com suas cabeças ocas e pintadas em várias cores, assemelham-se à *cabeça-de-fogo* ou *nega-velha*, que brinca no reisado de caretas de seu Sebastião Chinês, no Município de Caxias.





Ele dorme sobre  
made suas péra  
Caçador negra  
m palha-da-co  
Não encontrei o  
çam, como ele  
roupa de pe  
uenas ca  
ger. C

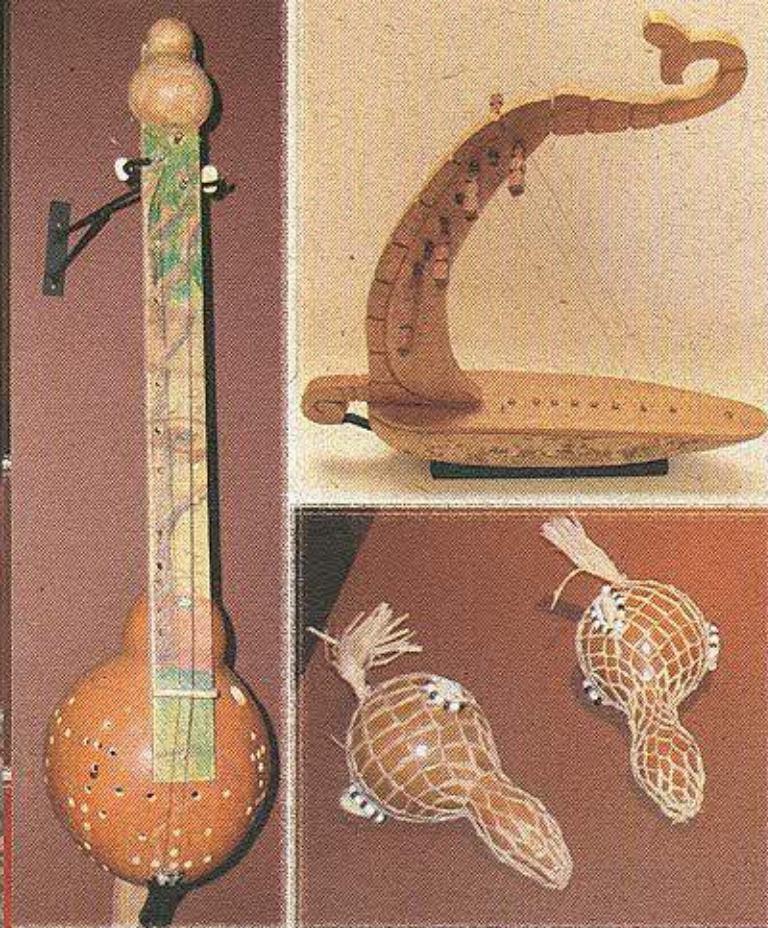


## Rituais e segredos do fundo da cabaça

Consideradas por diversos grupos humanos elementos dotados de poderes especiais, as cuias e cabaças estão presentes, em diferentes formas e usos, num vasto conjunto de práticas rituais e tradições religiosas, de matrizes indígenas e africanas em especial, amplamente difundidas no Brasil. Inteiras ou cortadas em partes, ocas, preenchidas ou envoltas em palhas e contas, lisas ou decoradas com incisões, todas têm seus donos na Terra e nos outros mundos, e constituem objetos preñes de significados ritualísticos que só podem ser integralmente compartilhados por iniciados que conhecem “o fundo da cabaça”.

Entre o povo-de-santo, assim como entre povos indígenas, aqueles frutos chocalham sons que afastam espíritos e influências negativas, quando balançados por determinados agentes rituais, conhecedores de palavras e cânticos apropriados. Nas religiões afro-brasileiras, a cabaça é *igba*, na terminologia nagô, que representa o universo, o masculino e o feminino; o símbolo da união de Obâtlál e Odùduwà, o Céu e a Terra; o invólucro mágico das folhas curativas de Ossaïn, presente nos assentamentos desse orixá; um item poderoso do azé de Omolu; o recipiente sagrado dos panos-da-costa, também conhecidos como panos-de-cuia, das oferendas, como o *padê* (farofa) de Exu, e de beberagens devotadas a entidades que ligam a terra dos homens ao mundo dos deuses. Em rituais caseiros, as cuias pitingas são preparadas especialmente para os banhos-de-cheiro, à base de ervas escolhidas por suas virtudes benfazejas, para “fechar o corpo” e “abrir os caminhos”, especialmente nos dias de ano e São João.

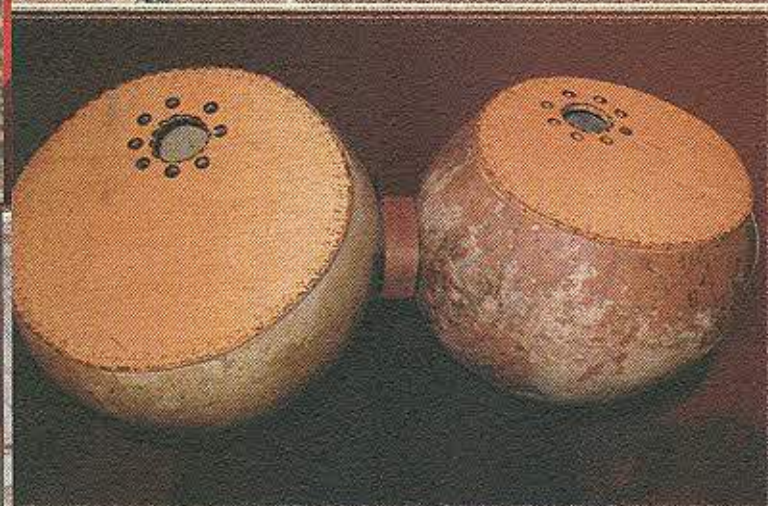




## *Cabaças de sons e música*

Se até a cabaceira chegou a tomar o nome de cabaço de marimba, uma vez que de seus frutos esvaziados se faziam as caixas de ressonância daquele instrumento, deve ser porque, como muitos brasileiros sabem, as cabaças "dão bom som". Em seus vários tamanhos e formatos, tal qual as cuias, elas se prestam perfeitamente à confecção de atabaques, cuicas, bongôs, maracás, chocalhos, xequerês, djembês, calimbas, rabecas, cavaquinhos, violas, harpas, flautas, apitos, marimbas, berimbaus, entre outros objetos – tradicionais ou "inventados", como os chamam alguns artesãos contemporâneos – cuja musicalidade está presente em diversas expressões populares.

Em brincadeiras como o carimbó, nas rodas de capoeira e de viola de cabaça (instrumento de origem européia que foi adaptado em diferentes regiões do Brasil), nas celebrações indígenas – pajelanças e ritos de passagem – e nas religiões de origens africanas – como os candomblés da Bahia e os xangôs do Recife –, instrumentos de percussão, corda e sopro feitos a partir dos frutos das cueiras e cabaceiras desempenham papéis de naturezas musical, estética e ritual – no sentido mais amplo desse termo – indissociáveis.





## *Relação de acervo*

### **Artesanato:**

Arranjo de cujas pintadas  
São Luís, MA

Cabaça pintada  
Gerusa Zveut  
Rio de Janeiro, RJ

Balão de cabaça pintada  
Ubatuba, SP

Bumba-meu-boi de cabaça  
Rio de Janeiro, RJ

Boneca de cabaça  
Rio de Janeiro, RJ

Cuias pintadas  
Santarém, PA  
Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém

Cuia pitinga decorada  
Santarém, PA  
Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém

Presépio  
Olhos d'Água, GO

Porta Jóia  
Acervo Museu de Artes e Ofícios

### **Casa:**

Cuias dos índios Tembé  
Maranhão

Cabaça para transporte de água  
Acervo Museu de Artes e Ofícios

Cabaça para transporte de água  
Acervo Museu de Artes e Ofícios

Cabaça d'água  
Comunidade de Caboranga, Irará, BA

Cuia de banho  
Comunidade Rumo, Quilombo do Frechal,  
Mirinzal, MA

Cuias dos índios Urubu Kaapor  
Maranhão

Cuia dos índios Ramkokamekra-Canela  
Maranhão

Cabacinhas para rapé dos índios  
Ramkokamekra-Canela  
Maranhão

Cuia de chimarrão  
São Bento do Sul, RS

Cabaça decorada  
Santana do Livramento, RS

Cuias pitingas decoradas com incisões  
Comunidade Bragança, Belterra, PA

Lamparinas  
*José Luiz Vieira*  
Juazeiro do Norte, CE

Porta erva  
Rio Grande do Sul  
Acervo Museu de Artes e Ofícios

### **Brincadeiras:**

Maracá do Bumba Boi Reis da Luta  
Alto Alegre, MA

Marionete (tucano)  
*Francisco Rosa dos Santos*  
Curitiba, PR

Nêga-velha ou cabeça-de-fogo  
do reisado de caretas  
*Sebastião Chinês*  
Caxias, MA

Mamulengos  
*José Luiz Vieira*  
Juazeiro do Norte, CE

Máscaras  
*José Luiz Vieira*  
Juazeiro do Norte, CE

### **Rituais:**

Oratórios  
Coleção Particular  
Belo Horizonte, MG

Cabaça para banho  
Rio de Janeiro, RJ

Cuias da Tenda Espírita de Umbanda  
Rainha de Iemanjá  
Codó, MA

Xequerê  
*Robson Pereira da Silva*  
Salvador, Bahia

Roupa de Omolu  
Rio de Janeiro, RJ

Assentamento de Ossain  
Rio de Janeiro, RJ

Pano-de-cuia ou pano-da-costa  
*Elaine*  
Salvador, BA

Cuia de sete anos  
Rio de Janeiro, RJ

Cuias para curador  
Maranhão

Cabacinhas de saída de iaôs  
Rio de Janeiro, RJ

Máscara Fassa (aquele que é muito feio)  
dos índios Kalapalo, Xingu  
Mato Grosso

### **Instrumentos Musicais:**

Berimbau  
*Robson Pereira da Silva*  
Salvador, BA

Berimbaus  
Coleção particular  
Belo Horizonte, MG

Calimba  
*Robson Pereira da Silva*  
Salvador, BA

Cuia para berimbau  
Maranhão

Maracás dos índios Guajajara  
Maranhão

Maracás dos índios Tembê  
Maranhão

Maracá dos índios Viaritiaña  
Mato Grosso

Maracá  
Belém- PA

Djembê  
*Robson Pereira da Silva*  
Salvador, BA

Cabaça  
São Luís, Maranhão

Rabecão  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Nanquim  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Cavaquinho  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Rabeca  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Percussão  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Pé-de-vento  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Viola caipira  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Gôndola  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Marimbau  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Harpa  
*Francisco Di Freitas*  
Juazeiro do Norte, CE

Chocalho dos índios Maxacali  
Minas Gerais

### **Extras:**

Cuia péua (para mexer farinha)  
Associação das Artesãs Ribeirinhas  
de Santarém  
Centro do Aritapera, Santarém, PA

Petisqueira  
Associação das Artesãs Ribeirinhas  
de Santarém  
Centro do Aritapera, Santarém, PA

Balde  
Associação das Artesãs Ribeirinhas  
de Santarém  
Centro do Aritapera, Santarém, PA

Coió  
Associação das Artesãs Ribeirinhas  
de Santarém  
Centro do Aritapera, Santarém, PA

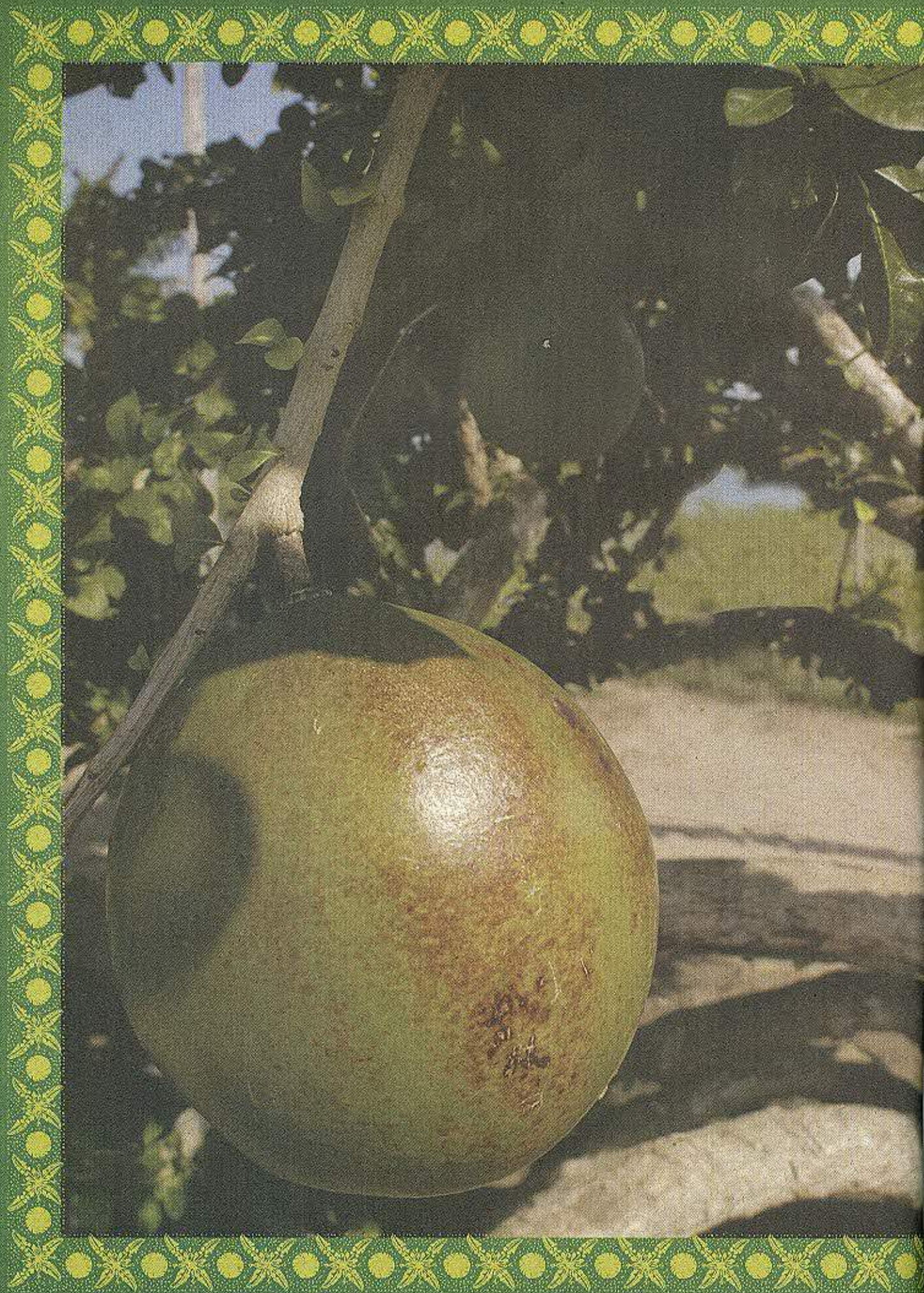
Mulher com lata  
*Flávio Gomes*  
Juazeiro do Norte, CE

Mulher com pote  
*Flávio Gomes*  
Juazeiro do Norte, CE

Cabeça de cuia  
*José Luís*  
Teresina, PI

### **Processo de preparação das cuias de Santarém, PA**

Cuia pitinga; cuia tingida com  
cumatêcua preta; cuia decorada  
com incisões.



## *Santarém ribeirinha*

Estive em Santarém pela primeira vez entre junho e julho de 1998, quando tive oportunidade de visitar algumas comunidades ribeirinhas do Tapajós e trechos do Amazonas, dois dos seis grandes rios que correm pelo município<sup>1</sup>. Confesso que não tive como não ceder à sedução do gigantismo amazônico, das florestas, à riqueza, variedade e ao sabor das farinhas, das caças e dos peixes que só ali viera a conhecer, como o pirarucu, o tucunaré, o filhote, o tambaqui. Impressionei-me com a beleza do encontro do Tapajós cristalino com o Amazonas barrento, que pode ser observado da orla da cidade, de onde, com um pouco de sorte, ainda se avistam alguns botos saltando fora d'água.

Não podia deixar de ser, Santarém é uma cidade das águas, com todas as suas histórias de botos, cobras grandes, iaras e outros encantados do fundo. Seu calendário é regido pelo vai e vem das chuvas de inverno (de janeiro a junho), que promovem os espetáculos das grandes cheias que encobrem árvores e diversos povoados, os quais só voltam a emergir na época das secas de verão (de julho a dezembro), que revelam extensas praias e campos.



<sup>1</sup> Há ainda o Arapiuns, o Moju, o Mojuí e o Curuá-Una, cada qual guardando um significado especial para a vida da região, seja por suas belezas naturais, navegabilidade, piscosidade ou potencial hidrelétrico.





*da  
cabaça,  
o Brasil:*

**Alagoas**

- Município de Coité do Nôa
- Coité das Pinhas

**Bahia**

- Município de Coité
- Município de Conceição do Coité
- Município de Cabaceiras do Paraguaçu
- Rio Cuiá
- Comunidade de Quebra-Cabaça

**Ceará**

- Aldeia Coité
- Comunidade de Coité das Pedreiras
- Lagoa do Coité

**Espírito Santo**

- Cachoeira do Coité
- Rio do Coité
- Coité

**Mato Grosso**

- Reserva do Cabaçal
- Alto Coité

**Mato Grosso do Sul**

- Córrego Cabaças

**Minas Gerais**

- Córrego das Cabaças
- Banqueta das Cabaças
- Quilombo do Cabaça
- Barra de Coité

**Pará**

- Furo do Cujuba
- Ilha Cujuba

**Pernambuco**

- Praia do Coité
- Ilha do Coité

**Piauí**

- Sítio Arqueológico Alto da Roça do Angelo Cabaça

**Paraíba**

- Município de Cabaceiras
- Município de Coité de Mamanguape
- Município de Coité
- Rio Cuiá
- Serra do Coité
- Serra da Cabaça

**Rio Grande do Sul**

- Cascata do Porongo

**São Paulo**

- Córrego das Cabaças

**Sergipe**

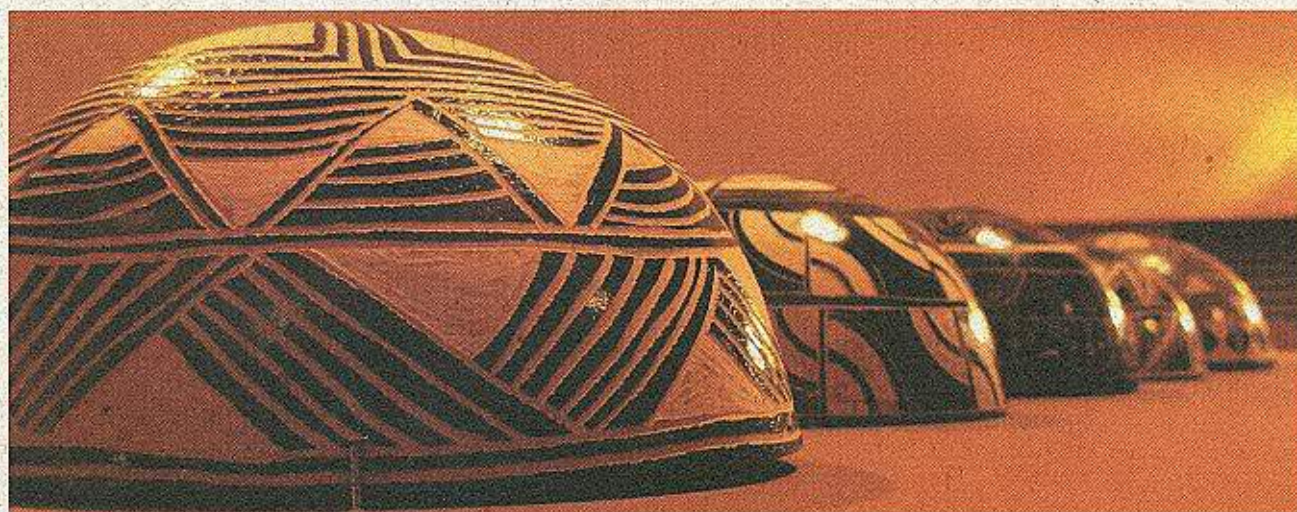
- Açude Coité
- Rio Coité

Seus rios são o principal caminho de integração com o restante do Pará, do qual Santarém é a segunda maior cidade. São eles que ajudam a romper a situação de relativo isolamento em que se encontra a Pérola do Tapajós dentro do estado. A capital Belém, por exemplo, fica a 710km de distância, em linha reta. De barco, são dois dias para ir, mais três para voltar, pois que então é necessário navegar contra o poderoso Amazonas. As estradas ruins ou inacabadas dão mais um motivo para se preferir o deslocamento fluvial na região. Barcos de todos os tamanhos, a remo ou motor, canoas e rabetas são o principal meio de transporte da população local que, atualmente, conta cerca de 262 mil habitantes, vivendo entre a sede municipal e os inúmeros povoados organizados sempre à beira dos rios.

Viajando por seus 'interiores', conhecendo suas comunidades ribeirinhas, fui descobrindo rostos marcados por fortes traços indígenas, pessoas que lutam dia a dia pela sobrevivência nos roçados, na floresta, nas casas de farinha, nos rios, lagos e igarapés. E que, apesar do trabalho duro, encontram tempo e disposição para a manuten-

ção de um intenso calendário festivo, que permite aprofundar a ampla rede de sociabilidade e relações sustentada pelos ribeirinhos. Encontros comunitários, festejos religiosos ou profanos e festivais de pesca regulares, entre outras comemorações, constituem o coroamento ritual de diversas atividades executadas em conjunto - na pescaria, no roçado, no trato da mandioca, no pequeno comércio de víveres, nas pastorais, nos sindicatos - e sob o ritmo imposto pela natureza que divide o tempo em dois - da seca e da cheia, da abundância e da escassez.

Felizmente, tive chance de participar de alguns desses momentos em que as comunidades se abrem para os visitantes e com estes dividem suas casas e mesas. Assim, ao fim de um mês de incursões pelos rios santarenos, deixei a cidade marcada por uma espécie de paixão à primeira vista, alimentada pelo sentimento de que - querendo crer no ditado local de que quem se banha nas águas do Tapajós sempre retorna - eu logo voltaria àquele lugar, assim que pudesse.

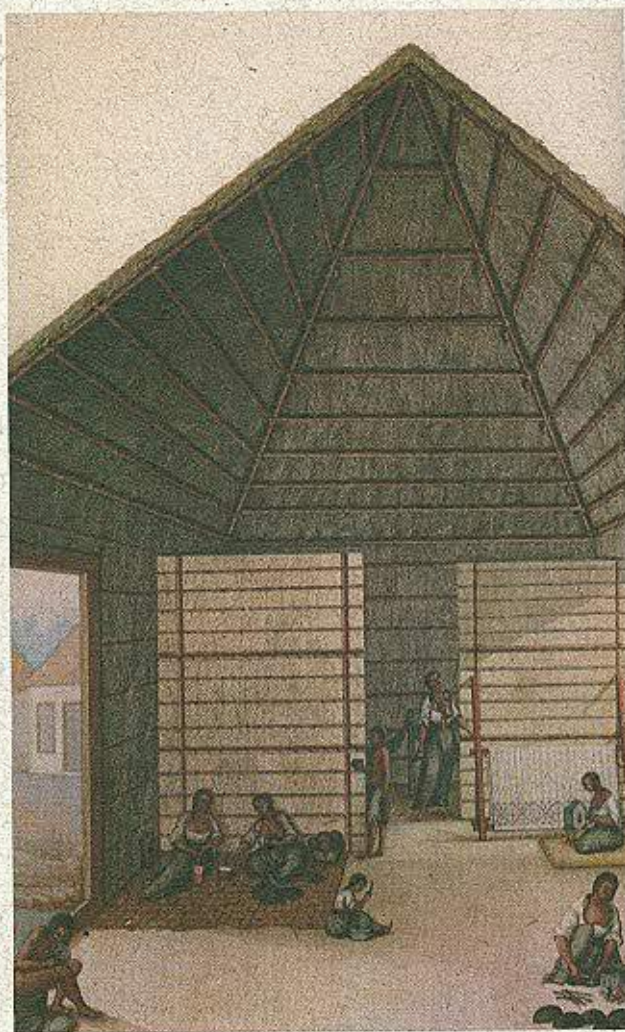


## As cuias de Santarém

Em abril de 2002 estava de volta a Santarém, dessa vez com a missão de delimitar um campo para implantação de um projeto de apoio ao artesanato de cuias, integrado ao Programa Artesanato Solidário. As cuias, feitas do fruto da cuieira (*Crescentia cujete*), tingidas na cor preta e decoradas com incisões ornamentais e desenhos diversos, são facilmente encontradas nas lojas de artesanato do Pará e nas barracas das tacacazeiras, sendo o recipiente típico para servir e consumir o tacacá<sup>2</sup>. Desde pelo menos fins do século 17 são conhecidas dentro e fora do Brasil, segundo registros de missionários e viajantes que percorreram o Médio e Baixo Amazonas (Hartmann, 1988).

Em 1763, o Bispo Frei João de São José escreveu, sobre a antiga aldeia de Gurupatuba, atual cidade de Monte Alegre, que lá “se fazem as cuias mais galantes de beber. Elas são cobertas de tinta preta com um verniz tão forte e tão fino, que não perdem facilmente o lustre, nem as diversas cores com que em linhas diferentes se pintam e embrecham” (Hartmann, 1988:292). Observou ainda que “em Portugal se estimam, principalmente em conventos onde há senhoras do Brasil, e também as fidalgas que ocupam o tempo em fazer meia, costumam trazer nas cuias o fio, servindo de fundo a sacos pequenos de seda” (Porro, 1995:148).

2. Prato típico paraense, feito da goma extraída da mandioca e servido com tucupi (líquido também extraído da mandioca), camarão e folhas de jambu.



Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua "Memória sobre as cuias que fazem as índias de Monte Alegre e Santarém", de 1786, descreveu a técnica empregada na fabricação do utensílio e anotou os tipos de ferramentas utilizadas: pincéis "de pluma de Siracura, de Jacamy e do Acará branco" e lâminas como "styllêtes ponteagudos, para pontear o ornato de renda" (Ferreira in Hartmann, *op.cit.*). Impressionado com a arte das índias que produziam de cinco a seis mil cuias por ano, segundo suas estimativas, o naturalista levou para Portugal muitos de seus exemplares, os quais foram depositados no Museu da Universidade de Coimbra e na Academia de Ciências de Lisboa.

Quanto à comercialização dos objetos, Ferreira acrescentou que *do fabrico das cuias e das redes é que se vestem a maior parte das índias de Monte Alegre...Vende-se cada (cua) na vila a 100 e 200*



*reis...Em Mato Grosso, uma boa cua vale uma oitava de ouro. Os brancos, que sabem disso, as compram às índias para negociarem com elas. As índias, que sabem que os brancos as compram, tratam de as trabalhar e aperfeiçoar... Trabalham já ensinadas pelos europeus no tocante às cores, ao gosto e à riqueza da pintura, ora dourada, ora prateada (Porro, *op.cit.*).*

Confirmando a boa aceitação do produto no Brasil, Artur Ferreira Reis, num estudo sobre a exportação da Amazônia em 1822, registrava a venda de 212 dúzias de cuias de Belém para São Luís do Maranhão (Porro, 1995:149).

As cuias eram - e são até hoje - o utensílio mais presente e provavelmente o mais usado na casa ribeirinha, servindo para uma diversidade de fins. De vários tamanhos, prestam-se para pegar e armazenar água do rio, para tomar banho, cozinhar, consumir líquidos e alimentos em geral; ajudam a tirar água da canoa, quando navegando, e também são usadas como acessórios decorativos nas paredes e prateleiras das residências, assim como no vestuário feminino. Constituem, por assim dizer, um dos principais signos da identidade e cultura do Estado do Pará, sendo especialmente conhecidas aquelas provenientes de Santarém e Monte Alegre.

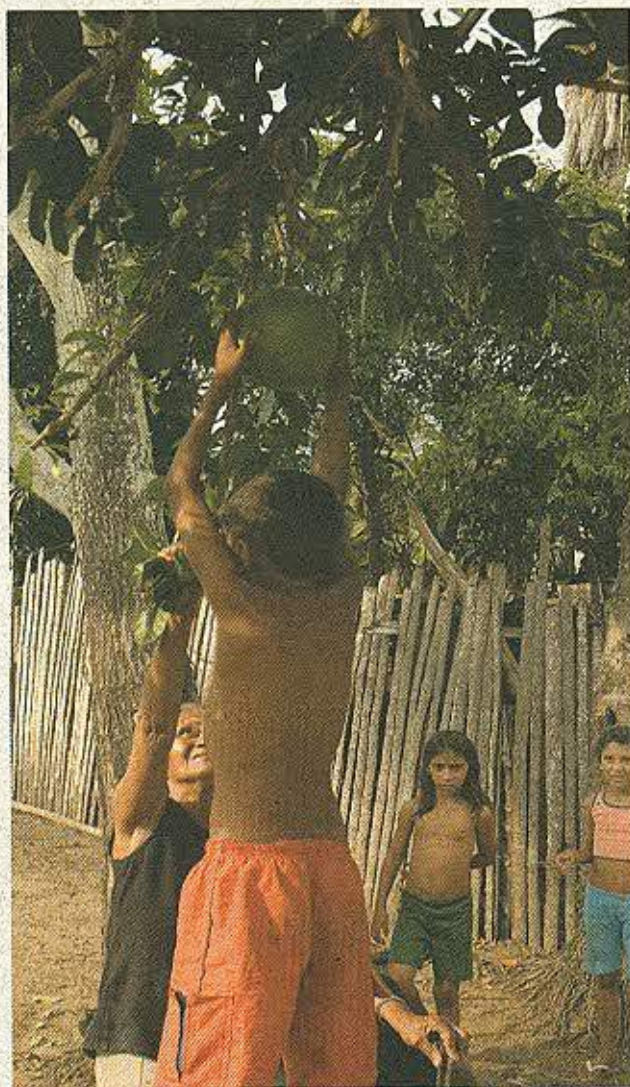
No *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2000), Câmara Cascudo refere-se em dois verbetes às "tradicionais cuias de Santarém": "(cua) é a vasilha feita com o fruto da *Crescentia cujete*, partido ao meio. Cada banda tem o nome de cua. É usado como prato e copo no sertão velho. São famosas as cuias negras, ornamentadas artisticamente, vendidas em Santarém, no Pará".

Cícero Nobre de Almeida, intelectual monte-alegrense, reivindica para sua cidade o pioneirismo na tradição de confecção das cuias pintadas. Aliás, cabe lembrar que os nascidos em Monte Alegre são até hoje conhecidos como "pinta-cuias". Tal alcunha, segundo o autor, vem dos tempos em que "as cuias pintadas, tal como as conhecemos, eram feitas e usadas, apenas, pelos índios que habitavam primitivamente a nossa terra, que eram chamados de Aparáís ou Urucuiunas, pertencente à nação Caraíba" (1979:135). O mesmo constata, com certo pesar, que, com a ampla divulgação do segredo de fabricação das cuias, "a manufatura se transferiu para Santarém e se ampliou na progressista cidade do Tapajós":

*Lá floresceu e se aperfeiçoou mais e mais, tanto que, agora, é famosa a indústria das cuias pintadas de Santarém, enquanto nós em Monte Alegre continuamos como antigamente. Em Santarém ganha-se bastante dinheiro com esse tipo de trabalho e nós, monte-alegrenses, que não sabemos nos aproveitar da atividade na qual fomos os pioneiros, ficamos apenas com o apelido de pinta-cuias. Na terra de cego quem tem um olho é rei (Almeida, 1979:137).*

Seria preciso, contudo, um olhar bem atento para mapear, identificar e selecionar a área de implantação do pólo de apoio ao artesanato de cuias numa localidade em que tantas pessoas tiram o sustento dessa atividade. Até mesmo artesãos da cidade, que, se não executam todo o processo de fabricação das cuias, as compram já pretas para ornamentá-las com desenhos e pinturas feitas à base de tintas industrializadas, a fim de revendê-las no mercado local ou fora dele.

Somente no interior é que se encontrariam os produtores primários das "tradicionais cuias de Santarém", dominando com maestria todas as etapas de sua confecção. Entre as muitas comunidades ribeirinhas do município, várias praticam o fabrico artesanal das cuias pretas, lisas ou decoradas com incisões. Mas é principalmente na várzea do rio Amazonas que floresce a atividade, envolvendo dezenas de mulheres e suas famílias, num longo processo cujos segredos vêm sendo muito bem guardados há gerações e gerações.



## *Aritapera ou a Morada de Ari*



A comunidade Aritapera deu-se início em homenagem a um índio chamado Ari que morava em uma maloca chamada Tapera e assim foi fundada em 1821. (relato colhido na Oficina de Reconstrução da Identidade Étnico-Cultural dos Ribeirinhos da Amazônia, promovida pelo grupo Consciência Indígena)

A região do Aritapera, na verdade, compõe-se de um conjunto de comunidades situadas em áreas de várzeas do rio Amazonas, especificamente em torno do Lago do Aritapera. As várzeas são terras que inundam durante as cheias de inverno, quando as árvores e construções “vão pro fundo” e os campos alagam, misturando-se com o rio e obrigando a população local a deslocar-se quase exclusivamente por meio de canoas e rabetas, mesmo entre casas vizinhas. Muitas delas, aliás, ficam a poucos centímetros de ter suas palafitas completamente encobertas pelas águas barrentas do rio. Pode-se até pescar, sentado no assoalho de casa.

A região fica relativamente próxima à sede de Santarém - isto é, considerando-se as gigantescas distâncias amazônicas. Para se chegar à primeira comunidade pesquisada, por exemplo, “basta atravessar o rio, é bem na frente da cidade”, como dizem os nativos. Mas são necessárias cerca de três horas de viagem em barco comum, movido a motor. Já para se chegar às demais, pode-se levar até seis horas, quando o rio está cheio e vários canais se formam, criando atalhos para passagem da embarcação. E na seca o tempo de percurso pode aumentar 25% em média, porque é necessário contornar vários pontos do caminho em busca de cursos mais profundos do rio. -

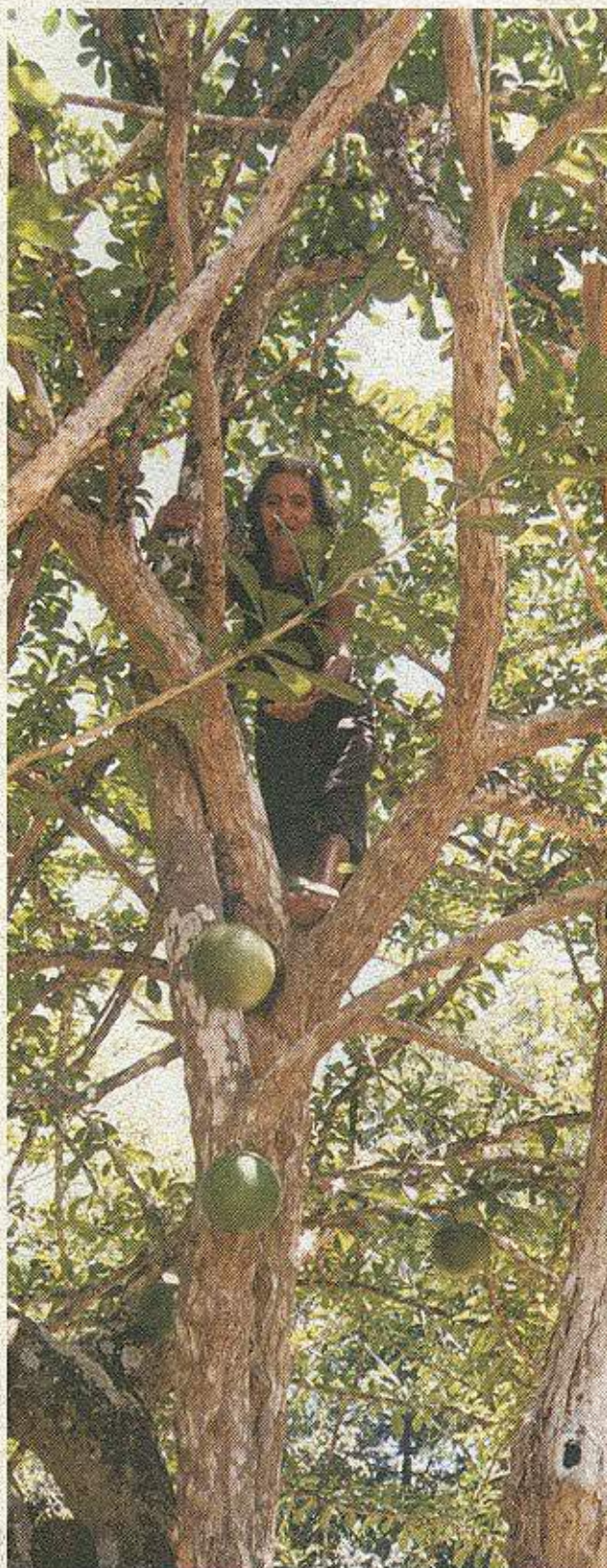
O isolamento da cidade não é sentido tanto em função das distâncias quanto da falta de alguns serviços básicos de assistência à população. Energia, por exemplo, tão necessária para conservação do soro antiofídico que poderia salvar e amenizar o sofrimento de muitas pessoas na região, só existe de maneira irregular, quando há óleo para alimentar os geradores. Não há serviço de telefonia fixa nos povoados: um deles é servido por um telefone público; nos demais, os moradores se servem de celulares pessoais ou comunitários, funcionando somente em horários determinados do dia. As comunidades são atendidas por agentes comunitários de saúde, mas são carentes de postos de saúde e médicos. Com exceção de uma escola que oferece ensino de nível médio em sistema módulos, as demais unidades escolares são apenas de nível fundamental. Os barcos de linha, embora regulares, freqüentemente não suprem as necessidades de deslocamento entre as comunidades e a sede municipal, de modo que, em casos de emergência, os moradores ficam entregues à própria sorte, dependendo da solidariedade e capacidade de organização para encontrar soluções para seus problemas.

Na cidade, contam com o apoio de barqueiros, que transportam encomendas e bilhetes, e com a rádio católica, que transmite programas informativos e recados importantes. Nos povoados, criam, cada qual, uma associação de moradores para cuidar da administração interna da comunidade e para representá-la oficialmente junto ao município. Além disso, organizam-se, por sexo e idade, em grupos de reflexão e trabalho fomentados pela Pastoral da Diocese de Nossa Senhora da Conceição, sediada em Santarém. Estendem a prática

associativa à Colônia de Pescadores Z-20, de modo geral, e à Associação de Mulheres Pescadoras, atendendo a esse segmento em particular. Dialogam com organizações não-governamentais que atuam na região através de projetos de manejo ambiental e campanhas de conscientização da população para exploração sustentável do meio-ambiente.

No dia-a-dia, desenvolvem como principal atividade econômica a pesca artesanal, praticada por homens e mulheres no próprio Amazonas e em seus lagos de verão. A agricultura é atividade secundária, pois, embora as terras sejam férteis, sua produtividade é diminuída em função de passarem submersas grande parte do tempo. Os moradores dividem-se ainda entre pequenas criações - de gado, galinhas e patos, muitas vezes sustentadas em currais e poleiros suspensos para escapar das cheias - e o trabalho na roça de mandioca e nas casas de forno, onde tratam a farinha que vendem na cidade. Por fim, o artesanato, especialmente o das cuias, apresenta-se como uma fonte de renda importante para muitas famílias, sobretudo nos períodos em que escasseiam os recursos naturais dos quais dependem.





## *Das cuieiras às cuias*

Cinco comunidades destacam-se pela produção de cuias na região do Aritapera. São elas: Centro do Aritapera, Enseada do Aritapera, Carapanatuba, Surubim-Açu e Cabeça d'Onça, somando cerca de 200 famílias. Ao todo, estima-se que 100 pessoas, em média, estejam envolvidas direta ou indiretamente em uma ou mais etapas dessa atividade. Embora se trate de um ofício tipicamente feminino, homens e meninos também ajudam, eventualmente, a pegar o fruto no pé da cuieira, a prepará-lo na beira do rio, a tirar da floresta o pigmento que é usado no tingimento da cuia e a comercializar as peças prontas na cidade.

A maior parte da produção, no entanto, congrega apenas mulheres, de diferentes gerações, que se reúnem para trabalhar à sombra das árvores dos quintais de casa, onde também se encontram com facilidade as cuieiras ou cuiainhas. Estas são árvores baixas e verdejantes, da família das bignoniáceas, de caule tortuoso e grandes flores solitárias, esverdeadas ou amareladas. Resistentes, frutificam o ano inteiro, mesmo quando parcialmente submersas pelas cheias do Amazonas. Reproduzem-se com facilidade, por estaquia, e muitas famílias aproveitam a seca para plantar seus galhos a fim de multiplicar a fonte da valiosa matéria-prima que é seu fruto, de um verde claro e lustroso.

O processo de trabalho nas cuias inicia-se com a retirada dos frutos que, depois, são partidos ao meio, com auxílio de um facão ou serrote. Retira-se o miolo, que não é comestível, mas pode ser aproveitado em chás recomendados pelos nativos como remédio para tosse e lepra.

Deixa-se secar cada uma de suas metades, que, em seguida, são postas para amolecer dentro d'água, em bacias ou em cercadinhos feitos à beira do rio. Assim, torna-se mais fácil a raspagem bruta de suas superfícies interna e externa, usando-se como "rapadores" pontas de facas e colheres. Para um "alisamento" mais fino, que completa a preparação das metades para os tratamentos seguintes, prefere-se a escama do pirarucu e, em seguida, a folha da embaúba.

As cuias devem estar bem lisas para, então, serem lavadas, retirando-se, assim, os resíduos restantes. Depois são dispostas ao sol para secagem, até ficarem completamente enxutas. Nesse estado, ficam com coloração marrom bem clara e são chamadas de "pitingas", servindo perfeitamente para o uso em diversos fins. A partir daí, inicia-se o processo de tingimento com cumatê, um pigmento natural extraído da casca do axuazeiro ou "cumatezeiro".

Como essa árvore só é encontrada na terra firme, portanto longe da várzea, a obtenção do pigmento, por si só, requer longo e demorado processo de trabalho, que normalmente recai sobre os maridos das artesãs produtoras de cuias. São eles que viajam até uma semana inteira para trazer a casca avermelhada. Para extrair-lhe a tintura, ela é posta de molho em água aquecida ao sol, por três a cinco dias, em média. A água tingida é passada em ambos os lados das cuias secas, com um pincel feito de penas de galinha amarradas. A operação é repetida diversas vezes, até que as peças adquiram coloração vermelha bem escura.

As cuias permanecem assim tingidas sobre um jirau, até que sequem completamente. Finalmente, são





levadas a um estrado chamado "cama" ou "puçanga", previamente preparado com uma camada de areia e cinzas, em local coberto e ao abrigo da chuva. Nessa camada, borrija-se urina humana colhida durante a noite anterior, em cuias grandes chamadas "coiós". Como muitos homens acreditam que urinar nas vasilhas pode deixá-los "panema", isto é, azarados e com dificuldades na pesca, na caça e nas relações amorosas, trabalha-se principalmente com a urina de mulheres e crianças.



Sobre a camada molhada com urina, coloca-se uma cobertura de palha e então, sobre esta última, as cuias são emborcadas e abafadas com um pano ou lona. Permanecem nessa posição durante cerca de seis horas, entre o fim da tarde e o anoitecer. Em seguida, repete-se o mesmo processo, com as cuias desemborcadas. O forro de palha impede qualquer contato direto das cuias com a urina, da qual apenas se deseja extrair a amônia. Numa reação química já conhecida pelas índias há pelo menos quatro séculos, desde quando se tem notícia do fabrico artesanal das cuias pretas de Santarém, a amônia atua sobre a tintura do cumatê, enegrecendo-a por inteiro.



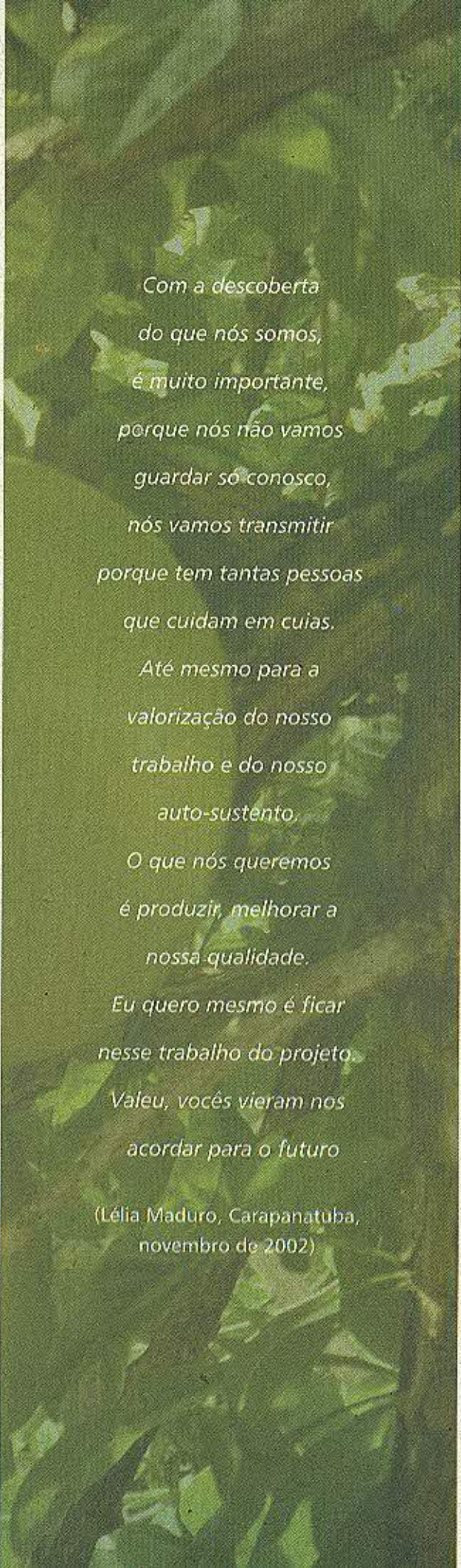
As cuias pretas, depois de bem lavadas e enxutas, perdem qualquer resíduo de odor de urina que possa ter ficado do processo descrito e já estão prontas para o uso absolutamente higiênico, especialmente para o consumo de líquidos que não podem ter contato com o cumatê em estado natural, já que retiram seu tom vermelho. E as peças já podem ser decoradas, pintadas com tintas industrializadas ou "rascunhadas" com pequenas incisões, feitas com lâminas de facas, compassos e pontas de tesoura.

tarena, a partir dos quais elas vêm desenvolvendo linha alternativa de peças inspiradas em motivos étnicos que, atualmente, são predominantes na produção de cuias paraenses.

Os resultados têm sido gratificantes, tanto do ponto de vista da recuperação e transmissão de saberes tradicionais associados ao artesanato das cuias quanto do desenvolvimento de produtos dentro de um rigoroso padrão de qualidade, visando a sua melhor colocação no mercado e conseqüente aumento da renda das artesãs. Hoje, por exemplo, o grupo está produzindo mais de mil cuias por mês, todas decoradas com os mais diversos desenhos. E melhor, já consegue para suas peças a justa equiparação com os preços cobrados por artesãos e lojistas da cidade de Santarém, o que significa um aumento de até 12 vezes sobre o valor antes obtido em cada unidade.

Por outro lado, além da valorização de seu trabalho, as mulheres de Cabeça d'Onça, Surubim-Açu, Carapanatuba, Centro e Enseada do Aritapera vêm experimentando, pelo artesanato, o desenvolvimento da auto-estima, a força da união do grupo e a importância do reconhecimento e da afirmação de sua identidade ribeirinha. O que, para mim, amante de Santarém e responsável por este projeto, já é o bastante para fazer crer que seus frutos podem ser tão fartos e perenes quanto os das próprias cuieiras.

Luciana Carvalho



*Com a descoberta  
do que nós somos,  
é muito importante,  
porque nós não vamos  
guardar so conosco,  
nós vamos transmitir  
porque tem tantas pessoas  
que cuidam em cuias.  
Até mesmo para a  
valorização do nosso  
trabalho e do nosso  
auto-sustento.  
O que nós queremos  
é produzir, melhorar a  
nossa qualidade.  
Eu quero mesmo é ficar  
nesse trabalho do projeto.  
Valeu, vocês vieram nos  
acordar para o futuro*

(Lélia Maduro, Carapanatuba,  
novembro de 2002)

## *Centro do Aritapera\**

Aritapera foi fundada antes da Guerra do Paraguai, e o primeiro nome era Terra de Vera Cruz e depois foi chamada de Ilha da Trindade. Os primeiros habitantes foram os índios... O pessoal daquele tempo só trabalhava em puxirum comunitário. A nossa terra era cheia de fartura, como canaviais, bananais, cocais, seringais e muitos outros. Os nossos lagos tinham peixes em fartura, além de tracajás, pássaros. Aqui também se fabricava o açúcar, pois havia grandes engenhos onde fabricavam cachaça, rapadura e mel. Antes havia danças de boi, lundum, pastorinha, teatrinhos bailados e outros tipos de brincadeira. Hoje em dia estamos felizes com o nosso grupo de artesãs, do qual 11 fazem parte.

## *Entrada do Aritapera\**

As primeiras famílias que habitavam nessa comunidade eram as seguintes: Reça, Maia, Correa, Ribeiro e Ferreira e, a partir daí, a comunidade foi crescendo com a participação de todos na Igreja de São Sebastião. Quando Dona Maria se entendeu, a bisavó dela já cuidava em cuias e aí foi passando para filho e netos e as pessoas foram aprendendo a trabalhar nas cuias e continuam a trabalhar nas cuias e vamos continuar trabalhando sem parar. Com muita garra e união, hoje há colégios, sede, clubes de futebol, clubes de jovens, clubes de mães, associações e, finalmente, hoje, temos o grupo de artesãs com 11 participantes.



## *Carapanatuba\**

Antigamente havia várias famílias. Essas famílias viviam fazendo seus trabalhos de agricultura, como banana, cacau, riscar seringueira para fazer ser-nambi (látex), plantar juta, roça, manga e pescar somente para alimentação. A partir de 1953 houve a primeira enchente que inundou as terras; teve espaço de mais 17 anos e as enchentes voltaram a inundar as terras e as plantações acabaram, ficando mais difícil. Continuou com outras plantações temporárias, como plantio de feijão, milho e a continuação do artesanato de cuias já existente.

## *Cabeça d'Onça\**

O fundamento dela que nós encontramos aqui, de Cabeça d'Onça, era um local que existia demais de onça. Parece-me que acontece o seguinte: o cara saiu com o garoto, o garoto foi andando e disse 'papai, olha uma cabeça aqui'. 'Não, meu filho, isso é uma cabeça de onça'. Então, de lá, ficou Cabeça d'Onça. Mas aqui não tem mais onça assim. Aqui tem muita cuieira, isso é direto. E a gente pega um galho desse, finca ele na terra. E outro e outro. Se esse não nascer, aquele nasce.

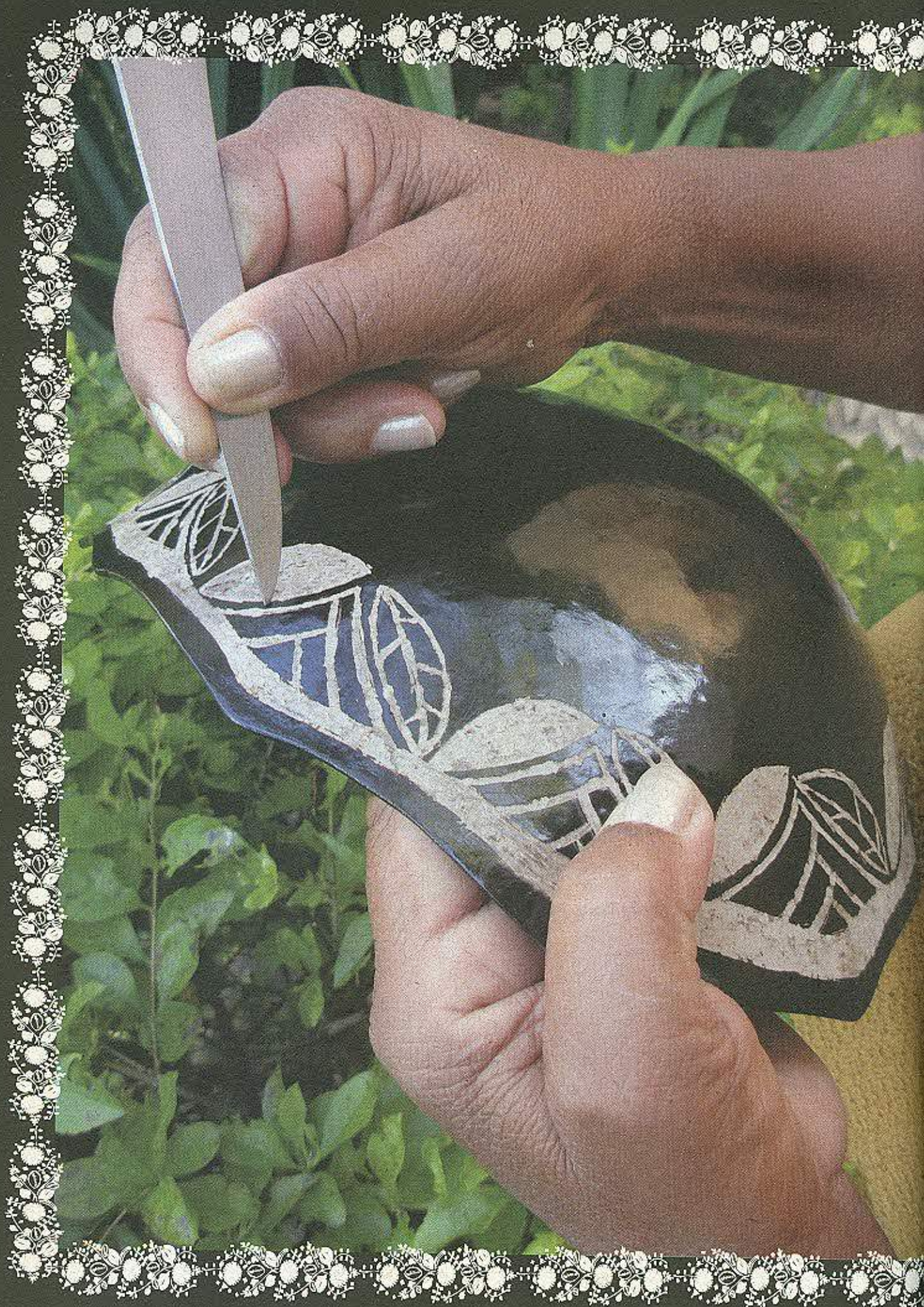
## *Surubim-Açu\**

Era só uma terra cheia de mato, um senhor chamado Pau Ferro passou a morar nesta terra. Construiu sua casa feita de pau de embaubeira coberta de capim, chamado muri, e as paredes também. No decorrer do tempo chegou uma senhora chamada Senurinha Pontes, que veio de Urucará; ela também tomou um pedaço de chão para ela. Eles sobreviveram do alimento da caça; quando eles iam descansar à noite, eles arrodeavam a maloca de tocha de fogo, por causa de muitas onças. Devido à terra ser muito alta, eles faziam funil de folha do pau pra apanhar água. Aí foi aumentando moradores e também as terras foram caindo. Foi formando uma praia no meio do Amazonas. Onde foi um senhor que pegou um surubim muito grande, aí se espalhou a notícia para os moradores. Por causa desse peixe que deram o nome de Surubim-Açu.

\*Depoimentos colhidos durante a Oficina de Reconstrução da Identidade Étnico-Cultural dos Ribeirinhos da Amazônia (novembro 2002). Luciana Carvalho

### **BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, Cicero Nobre de. Os pinta-cuias. *Mosaicos de Monté Alegre*. p. 135-138.
- CÂMARA CASCUDO. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- HARTMANN, T. Evidência interna em cultura material. O caso das cuias pintadas do século 18. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 1988, 33: 291-302.
- MORAES, José de. *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.
- PORRO, Antônio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTOS, Paulo Rodrigues dos. *Tupaiulândia*. Santarém: Tiagão, 1999.

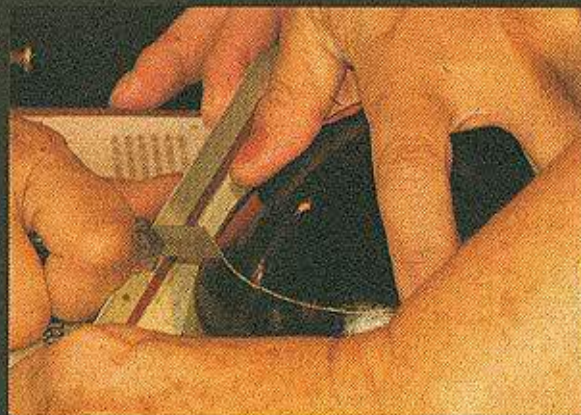


## *Arte das cuieiras de Santarém*

Para agregar a dimensão do trabalho à exposição "da **Cabaça, o Brasil:** natureza, cultura e diversidade", o MAO realizou uma oficina em que as cuieiras de Santarém, no Pará, mostraram aos participantes um pouco do seu saber e de sua arte.

Durante três tardes, de 15 a 17 de maio, Lélia Almeida Maduro, Raimunda Pereira da Silva e Rúbia Almeida Maduro, da Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém transmitiram sua técnica para 28 alunos, entre eles educadores, artesãos e artistas, identificados como agentes multiplicadores pelo setor educativo do MAO.

Durante as aulas, os participantes puderam vivenciar todo o processo de transformação dos frutos em utensílios e objetos decorativos, aprendendo a utilizar ferramentas e matérias primas típicas, quase todas encontradas na natureza, como escamas de peixe, penas de galinha, folhas, cascas de árvores e até mesmo urina humana.



OFICINA  
A ARTE DAS CUIEIRAS DE SANTARÉM



Além da técnica apurada que percorre todas as etapas, da preparação da cuia até o tingimento e os diversos tipos de desenho, as professoras revelaram que para se atingir um bom resultado é preciso paciência, generosidade, além de muita concentração. Elas procuraram também transmitir aos participantes o espírito de coletividade que norteia o trabalho e acaba tornando irrelevante a autoria das peças e a quantidade produzida por cada um.

Além do aprendizado e do contato estreito com a cultura ribeirinha de Santarém, a oficina permitiu uma proveitosa troca de experiência entre os participantes. O conhecimento adquirido com certeza será multiplicado principalmente por aqueles que entenderam não só a dimensão física do trabalho, mas principalmente seu significado imaterial. Estes saberão adaptar o conhecimento adquirido à realidade mineira e urbana, selecionar os futuros aprendizes e comunicar o que foi vivido nesses três dias.

A lição mais importante foi a da solidariedade, do trabalho em equipe, da ligação virtuosa com a natureza e com as outras pessoas do grupo. Sem dúvida, a Arte das Cuieiras não está restrita ao saber-fazer, ela se propaga e se manifesta no saber-viver melhor.





Belo Horizonte, MG.

Este catálogo foi impresso em junho de 2007.

Textos compostos com as fontes Humanist e JaneAusten.

Papel Reciclado 90g/m<sup>2</sup> (miolo) e couchê 240g/m<sup>2</sup> (capa)



*A cuia, Deus só fez a cabaça.*

*De mala e cuia.*

*Santa anda a linhaça  
até que vai a cabaça.*

## PATROCÍNIO MASTER



## PATROCÍNIO



## APOIO



## INSTITUCIONAL



## REALIZAÇÃO



## PROJETO ORIGINAL

